


*Dotado de excelentes instalações e de um empenhado corpo docente, está a funcionar há dois anos lectivos, no edifício dos Esteiros, na Cruz Quebrada, o departamento de Expressão Artística-Dança do ISEF. Formar professores de dança e coreógrafos é a função essencial da referida escola.*

# PROFESSOR DE DANÇA? SIM, LICENCIADO...

• CRISTINA BAPTISTA texto EURICO VASCONCELOS fotos

**N**ÃO foi preciso uma manhã inteira — o tempo que os repórteres do «DP» passaram nas instalações da escola — para se ser agradavelmente impressionado pelo ambiente.

Ali encontramos professores, alunas e uma candidata (o período das inscrições terminou há dias), que se conhecem pelo nome: refira-se, a propósito, que o «numerus clausus» da Expressão Artística-Dança, do ISEF ainda nunca foi atingido.

O ramo da Dança, existiu sempre no ISEF, como área opcional — dizem-nos. Como se chegou, então, à criação de um departamento independente?

É a professora Ana Paula Batalha quem explica o funcionamento e articulação do curso: «No ISEF sempre houve dança. A certa altura criou-se um ramo especial, a autonomia surgiu naturalmente.» A nossa interlocutora, autora da primeira tese de doutoramento do departamento, uma dissertação sobre «Análise da Capacidade Rítmica», para a obtenção do grau de doutor na área da Motricidade Humana, explicou o funcionamento do curso:

«Formamos licenciados em Dança, em áreas de intervenção diferente: o ensino, a animação, a integração educacional em equipas de educação especial, a coreografia e a crítica de arte, além da área da produção artística.»

Como saídas profissionais, os licenciados em Expressão Artística-Dança terão acesso, nomeadamente, ao Ensino Preparatório e Secundário, assim como aos estudos particulares.

As consequências são óbvias: o ensino da Dança, generalizado um pouco por todo o País passará a ser ministrado por licenciados e, assim, por

indivíduos com preparação pedagógica e não, como até agora acontecia na maioria dos casos, por bailarinos ou ex-bailarinos cuja preparação para o ensino era baseada na sua experiência pessoal.

A professora Ana Paula Batalha aponta o quadro, exposto no átrio do edifício da escola, em que se pode analisar o currículo do curso: o primeiro e segundo anos são preenchidos por aulas teóricas nas áreas de Anatomofisiologia, Desenvolvimento Biológico e Psicológico, Análise da Motricidade, Antropologia e História, entre outras; essas aulas teóricas serão acompanhadas por sessões de propedéutica artística, com Dança Clássica, Moderna, Jazz, Folclore, Expressão Dramática e Música.

No terceiro ano, estão inclui-

dos o aprofundamento nas áreas de História de Arte e da Dança, Composição e Criatividade, Fisiologia do Esforço, entre outras, acrescido da técnica e didáctica da Dança. O 4.º ano é preenchido pelas áreas de Estética e Filosofia da Arte, Correntes de Pensamento Pedagógico e outras; complementado pela Metodologia do Ensino da Dança.

O 5.º ano, também chamado de Ciclo Profissionalizante, inclui um seminário acrescido de estágio.

Ao lado, está afixado um folheto a anunciar um espectáculo de solidariedade para com a Associação Médica Internacional que se realiza no Teatro da Trindade no dia 13. O grupo de folclore da UTL/ISEF foi um dos participantes, como nos

observa a professora, responsável pelo agrupamento: «Estiveram ali, ao lado lado dos melhores bailarinos portugueses» — diz, orgulhosa.

O ramo de Expressão Artística-Dança está dotado de um corpo docente de nomes conhecidos, como Ana Mascoco, Ana Mónica, Helena Coelho e Luísa Roubaud, entre muitos outros, como nos refere Ana Paula Batalha, «todas com currículo artístico». Acrescente-se, que pelas aulas desta professora passaram nomes como os de João Afonso, bailarino da Gulbenkian, e Rui Horta, da Companhia de Dança de Lisboa.

Inicialmente instalado no edifício central do ISEF (o dos Esteiros estava reservado aos laboratórios) o ramo da Expressão Artística-Dança teve de sair dali aquando das cheias de Novembro de 1983. Aquele edifício ficou inundado de lama e todo o

materiais sofisticados teve de ser dali removido.

O edifício dispõe actualmente de um pavilhão gimnodesportivo, cujo solo é revestido de um «parquet» especial adequado aos saltos, e de outras salas destinadas a aulas teóricas de Música, Dança e visionamento de vídeos.

## FALTAM OS RAPAZES

O ramo Expressão Artística-Dança do ISEF só tem, até agora, alunas. Os rapazes não têm aparecido — dizem-nos — ou inscrevem-se e depois «desaparecem», pois não conseguem, por alguma razão, completar o 12.º ano.

Uma das candidatas a ingressar na escola já no próximo ano lectivo é Maria Dolores, uma espanhola de 26 anos. Residente em Portugal há dois anos, Maria Dolores fez um enorme esforço para retomar os estudos e completar o 12.º ano. «Custou-me imenso, principalmente o Português e também porque já tinha deixado de estudar há muito tempo.»

Contou-nos por que optou pelo ISEF: «Acho que este curso é muito completo. Abrange um nível técnico e artístico que corresponde àquilo que eu quero tomar conhecimento acerca da dança.»

Maria Dolores pratica dança desde os 18 anos e optará pela via do ensino ou da composição, quando chegar à altura.

Elsa, de 20 anos, ao contrário, está há 2 anos insorta no ISEF, e ainda não pôs de parte a hipótese de ser bailarina. Está a fazer a sua formação profissional, paralelamente a este curso. No termo do curso do ISEF, Elsa deverá escolher a composição, visto que não se sente «vocacionada para o ensino».

Elsa revelou-nos que frequentou um curso de Verão, em Yorkshire (Inglaterra), durante o qual se reuniram os melhores professores do país. Em paralelo, está a preparar-se profissionalmente, na Royal Academy. No entanto, segundo nos dizem, não deixará o ISEF, mesmo que venha a ser admitida numa das companhias profissionais:

«Este curso é completo, a nível teórico, e dá-me segurança. Tem um horizonte mais vasto do que os 35 anos, altura em que se deixa de dançar.»

Quanto a Margarida, de 26 anos, foi inicialmente aluna de Educação Física, mas acabou por se transferir para a Dança. Nunca pensou ser bailarina profissional. Num comentário ao currículo do curso, diz que a «carga horária devia ser maior, no que diz respeito à Música e à Expressão Dramática.»

O excesso de horas existe, sim, na Dança, mas eu não me queixo», diz, «acaba por ser benéfico, embora fiquemos com menos tempo para estudar.»

«O ensino é uma vocação», diz Margarida, «é preciso ter paciência e um olhar clínico para se poder ver onde estão as falhas do aluno e ajudá-lo a superar os seus erros, saber comunicar a que aprendemos.»

C. B.

Ensino Artístico - Expressão Artística - Dança - ISEF

714

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31



ENSINO SUPERIOR/ENSINO ARTISTICO

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA


«O vídeo é essencial» — explicou-nos o nosso interlocutor: «Já não sabemos trabalhar sem ele. O ISEF dispõe, desde há muito tempo, de uma videoteca e equipamento diverso em quantidade com o qual, professores e alunos, estão perfeitamente identificados. Para isso recebem preparação especial.»

É comum as aulas serem filmadas, para que isso permita uma melhor análise dos movimentos. Quanto a gravações de bailados conhecidos, são habitualmente fornecidos pelas embaixadas, com as quais a escola tem uma boa colaboração.

Acréscimo-se que as execuções das alunas da dança podem ser observadas da sala contígua, onde os visionamentos também são feitos, e que é um pequeno auditório. Na parede comum foi instalado um vidro que só permite a visão numa direcção. As alunas são observadas sem o saberem, permitindo-se, assim, uma «performance» mais descontraída.

A sala de dança equipada com as indispensáveis barras, espelho e instrumentos musicais (um piano e percussão diversa), foi dotada de um solo especial, instalado depois das cheias de que falámos: há uma

caixa de ar sob o «parquet» revestida a linóleo, caixa essa dotada de molas, distribuídas regularmente pela superfície, graças ao auxílio de esquadrias de madeira. Este sofisticado aparato permite um máximo rendimento dos saltos com um mínimo desgaste para os músculos das pernas.

Apesar de as instalações serem boas, dotadas de espaço e luz, o edifício dos Esteiros não será a «casa» definitiva da Expressão Artística-Dança: o campus da Universidade Técnica de Lisboa, na qual a escola está integrada, ficará instalado no Alto da Ajuda, de acordo com um protocolo já acordado com a Câmara Municipal de Lisboa. Al disporá de instalações de raiz, dotadas de auditórios (única la-ouna das actuais instalações) num complexo destinado a servir não só a escola como também a comunidade.

Numa rápida incursão ao que é chamado o edifício-mãe do ISEF, visitámos parte da zona onde estão instalados os laboratórios, onde se realizam testes não só aos alunos como também encomendados pelo exterior.

O prof. Melo Barreiros, da Comissão Instaladora do ISEF, explicou-nos, nomeadamente, como funciona a «plataforma de forças», instalada numa sala destinada a testes: «Aqui estuda-se a morfologia dos alunos, isto é, mais do que a altura e largura, é uma morfologia dinâmica.»

Uma complexa bateria de testes permite acompanhar o treino de um bailarino, por exemplo. O esforço despendido pode ser estudado e, assim, devidamente administrado; pode proceder-se, também, ao estudo da concentração de determinadas gorduras no sangue, através de análises e, ainda, o controlo emocional, através da medição das suas manifestações físicas (ritmo cardíaco, temperatura, ondas cerebrais, «suores frios», etc.).

No momento da passagem da reportagem do «DP» pelos laboratórios do ISEF, um condutor da Camis era submetido a um teste de esforço. «Nesta escola, estudamos o indivíduo numa condição de prestação, numa dimensão de investigação que é original entre nós» — referiu o prof. Melo Barreiros.

## ESCOLA-PILOTO JÁ NO PRÓXIMO ANO?

A criação de uma escola-piloto, ligada ao ramo de Expressão Artística-Dança, é um projecto da autoria da prof. Helena Coelho, e a partir do próximo ano lectivo.

Caso venham a ser ultrapassadas as dificuldades que actualmente se põem, esta escola-piloto deverá funcionar em complemento à escolaridade oficial, como crianças a partir dos 10, 11 anos, e por um período ininterrupto de 6 anos, no mínimo.

A intenção é fazer um estudo vertical, ao longo de quatro anos e com cerca de 100 crianças, para ver como reagem e se comportam e os resultados que obtêm em determinadas circunstâncias. Uma das abordagens é ver que aproveitamento têm as crianças que fazem só dança clássica, em comparação com as que fazem só moderna, por exemplo.

Apesar de se tratar de um campo experimental, em que «há muito a fazer, nós não vamos fazer das crianças cobaias», esclarece a prof. Helena Coelho, que revelou já haver mães interessadas em que os seus filhos venham a frequentar a futura escola-piloto.

Alguns entraves poderão, no entanto, comprometer o seu funcionamento como são a evidente carga horária para as crianças, que irão acumular as aulas de dança com as de escolaridade, os problemas de deslocação, e o das próprias instalações.

C. B.

Comentando, a nosso pedido, a criação no ISEF de um ramo autónomo de Dança, o prof. Melo Barreiros disse: «O ter-se conseguido que a Dança tenha entrado para a Universidade é um salto em termos de opinião pública. Traduz-se numa evolução cultural que nos põe a par do que acontece lá fora.»

«Até agora os pais não sabem onde pôr as suas crianças aprender dança, quando os estudos são orientados por bailarinos, alguns dos quais não fazem mais do que entortar a espinha às crianças.»

Na opinião do prof. Melo Barreiros, é importante para os pais saberem que os filhos estão entregues a professores de

Dança, devidamente preparados para ensinar; por outro lado, no caso dos alunos da escola, «é importante saberem que têm saídas profissionais. Há um grande interesse dos jovens por esta actividade. Eles têm uma grande necessidade de evasão e não é por acaso que procuram uma actividade dinâmica.»

1/2

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Ensino Artístico - ISEF